

PEDAGOGIAS AFROAQUILOMBADAS: POSSIBILIDADES EDUCACIONAIS TERRITORIALIZADAS

AFROAQUILOMBADAS PEDAGOGIES: TERRITORIALIZED EDUCATIONAL POSSIBILITIES

Ana Paula dos Santos.¹

RESUMO

O artigo traz reflexões sobre a possibilidade de se pensar pedagogias negras para o afroaquilombamento do currículo. É um recorte teórico-reflexivo da minha tese de doutorado, em que discuti a construção de uma pedagogia territorializada para as escolas quilombolas da Região do Cariri, no Ceará. Dessa forma, o objetivo geral é analisar como pedagogias afroaquilombadas podem ser dispositivos para repensar o currículo, e os objetivos específicos: compreender a pedagogia de quilombo como uma proposta de afroaquilombamento do cotidiano das escolas quilombolas; refletir sobre a formação inicial do curso de pedagogia e construção da minha identidade como professora. Quanto à metodologia, parte da afrodescendência, em que o pesquisador está ligado ancestralmente ao território e se coloca como parte dele, e essa abordagem me fez refletir sobre como a minha história individual, enquanto mulher negra, se relaciona com a luta coletiva do povo negro. Assim, o estudo é do tipo qualitativo e bibliográfico. Conclui-se que é possível rever o currículo escolar a partir de outras cosmovisões de mundo.

Palavras-chave: Afroaquilombamento; Afrodescendência; Pedagogias Afroaquilombadas.

ABSTRACT

The article reflects on the possibilities of thinking about black pedagogies for the afro-aquilombamento of the curriculum. It is a theoretical-reflexive excerpt from my doctoral thesis, in which I discuss the construction of a territorialized pedagogy for quilombola schools in the Cariri Region, in Ceará. Thus, the general objective is to analyze how Afro-Aquilomba pedagogies can be devices for rethinking the curriculum, and the specific objectives are: to understand quilombo pedagogy as a proposal for afroaquilombamento in the daily life of quilombola schools; reflect on the initial training in the pedagogy course and the construction of my teaching identity. Regarding the methodology, it starts from Afro-descendance, in which the researcher is ancestrally linked to the territory and places themselves as part of it. This approach allows me to reflect on how my individual story, as a black woman, relates to the collective struggle of black people. Therefore, the study is qualitative and bibliographical. It is concluded that it is possible to revise the school curriculum based on other worldviews.

Keywords: Afroaquilombamento; Afro-descendance; Afroaquilombada pedagogies.

¹ Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), na linha de pesquisa Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola, no eixo, Cultura, História, Filosofias e Pedagogias Afrorreferenciadas. Pedagoga pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Professora Adjunto da Universidade Federal do Cariri (UFCA). E-mail: paulacrato99@gmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A região do Cariri está situada no Sul do Estado do Ceará, território negro e quilombola, onde as comunidades negras rurais estão em processo de autoafirmação da sua identidade quilombola, assim como ressaltamos, as comunidades que se autodeclaram quilombolas e com certificação atribuída pela Fundação Cultural Palmares (FCP)².

Atualmente, são doze comunidades certificadas, localizadas nas respectivas cidades caririenses: Porteiras – comunidade de Souza; Araripe – Sítio Arrudas; Salitre com quatro comunidades – Serra dos Chagas, Lagoa dos Crioulos, Arapucas e Leontinos; Potengi – comunidade de Carcará, Jardim – Serra dos Mulatos, Aurora – Sítio Antas e a cidade de Altaneiras – comunidade de Bananeiras. Ainda existem mais duas com processo aberto junto à FCP, a saber: comunidades de Cachimbo e Samambaia.

Neste sentido, a nossa identidade é definida pela diferença, marcada pelos contextos sociais e históricos. Assim, cada pessoa se distingue da outra para além dessa identidade individual que cada um possui e “faz parte do processo de construção do ser, significando sua existência (Munanga, 2012, p. 9). Vale compreender o que aponta o antropólogo congolês, Kabengele Munanga ao observar as identidades coletivas.

Não obstante, ressalta o autor citado, a identidade coletiva, em vez de ser uma autodefinição ou autoatribuição, acaba sendo atribuída por outro grupo, que identifica elementos que o próprio grupo não selecionou, com efeito,

[...] o que interessa a nosso propósito é a identidade vista do ponto de vista da comunidade negra através do seu movimento social e de suas entidades políticas. O primeiro fator constitutivo desta identidade é a história. No entanto, essa história, mal a conhecemos, pois ela foi contada do ponto de vista do “outro”, de maneira depreciativa e negativa. O essencial é reencontrar o fio

² A Fundação Cultural Palmares é uma fundação federal brasileira de promoção da afro-brasilidade. Fundação Cultural Palmares. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br>. Acesso em: 16/06/2024.

condutor da verdadeira história do Negro que o liga à África sem distorções e falsificações (Munanga, 2012, p. 10).

Dessa forma, a identidade quilombola se construiu na relação com o território, a partir da resistência do negro africano em diáspora e, encontra-se na memória dos “trancos velhos”, que passam de uma geração a outra, através das oralidades do falar e do fazer os conhecimentos, os sentimentos e os valores de base africana, porque,

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana (Gomes, 2005, p. 45).

Assim, a identidade afroquilombola caririense tem sua ancestralidade nos povos africanos que tiveram origem na língua banto, especialmente, Congo-Angola, eram “agricultores, conheciam a metalúrgica e viviam em aldeias comandadas por um chefe, o Manicongo. Eles possuem diferentes idiomas (Ferreira, 2021, p. 225)”. Essas características se remetem a uma, das doze comunidades quilombolas do Cariri, pois são muitas e diversas.

A cultura quilombola caririense envolve toda a simbologia do território, verificada nos grupos de reisados quilombolas, nas danças de roda e coco dos mestres e mestras da cultura quilombola caririense, nos elementos patrimoniais de museus orgânicos localizados nos territórios quilombolas. No entanto, a preservação dessa cultura é ameaçada pela ausência de políticas específicas, uma vez que essa cultura ainda é muito distante dos espaços escolares, inclusive das próprias escolas quilombolas.

É preciso construir, para a escola quilombola, experiências curriculares conectadas com os repertórios culturais e históricos pautados em pedagogias negras, identificando os valores e crenças de origem africana, a qual podemos chamar de pedagogias afroquilombadas, pois, trazem o sentido de povos negros em continuidade dessa herança. Cabe, ressaltar que as

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola de 2012 orientam que as escolas situadas em territórios quilombolas construam suas próprias pedagogias.

A pedagogia afroquilombada está diretamente ligada à vida cotidiana da comunidade, ou seja, é inspirada pela terra, as árvores, a medicina tradicional das ervas, a água, a memória, a ancestralidade, o culto ao sagrado, na relação que os mais velhos estabelecem com os mais novos e em todo o simbolismo do território.

O afroquilombamento da escola quilombola, enquanto uma pedagogia afroquilombada, poderia ser visto como a ritualização do plantio da semente na terra que, ao ser regada pelo sagrado, brota, floresce, alimenta a vida, os corpos, os sonhos e os valores comunitários, pois não deve haver distinção entre saber maior ou menor, mas jeitos diferentes de conhecimentos, de aprender e ensinar, em que todo o território é fonte de ciência.

Dessa forma, o objetivo geral do presente trabalho é analisar como pedagogias afroquilombadas podem ser dispositivos para repensar o currículo. Então, os objetivos específicos são: compreender a pedagogia de quilombo como uma proposta de afroquilombamento do cotidiano das escolas quilombolas e refletir sobre a formação inicial do curso de pedagogia.

Neste sentido, embora eu tenha tido uma formação desconectada com a minha realidade enquanto mulher negra, vinda da periferia cratense, de um bairro com índice de desenvolvimento humano baixíssimo, consumido pela violência, filha de uma família de três irmãos, a universidade foi um espaço importante, inclusive para me pensar, refletir como a formação acadêmica incentivou a conexão com a minha identidade de matriz africana. Experimentei diálogos e estudos que embrionaram o meu exercício pedagógico para entender a escola, enquanto mulher negra empoderada pelas pedagogias afroquilombadas.

O meu processo de afroquilombamento, no curso de pedagogia, foi iniciado apenas no nono semestre através do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais – NEGRER, do Grupo de Valorização Negra do Cariri Cearense – GRUNEC e do Artefatos da Cultura Negra. Foi o que me recolocou no mundo como pessoa negra, mulher negra em um movimento africanizante. Esse processo mudou o meu jeito, corpo e mente foram

retraídos para perto de africanidades e da continuidade ancestral na reconstrução de mim mesma, dentro de um movimento coletivo de intervenção na realidade da população negra.

Eu pude me sentir guardada, protegida contra qualquer coisa, porque foi também um processo interno, subjetivo. “Sinto que minha inteligência aumenta, se expande, porque minha conexão com outras forças é ativada” (Ferreira, 2021, p. 52), algo que foi desmotivado durante muito tempo na minha construção de ser pensante. Eu posso sentir que rompi, de algum modo, com o projeto colonizante de corpo, mente, escrita e afeto, ou pelo menos dei o primeiro passo nessa reconstrução de mim mesma sob um olhar africanizante.

A pedagogia da afrodescendência, ou melhor, a abordagem metodológica da afrodescendência vem florescendo em outras pedagogias que ressignificam essa ciência com africanidades educacionais, através de experiências com visões de mundo, a estética, os conhecimentos e as formas de existenciais do povo negro.

A justificativa desse trabalho é rever a lógica de pedagogias dominadoras. É pensar e desdominar o currículo e a formação inicial de professores, em que a temática das africanidades, quando aparece, e se aparece, é apenas no final do curso, sem tempo de elaboração e transposição desse conhecimento. Isso nos instiga a refletir como desdominar os currículos dos cursos de formação inicial considerando pedagogias do conhecimento africano e das comunidades tradicionais?

Há de se abrir portas para outras pedagogias, em um “amplo debate para transitar outro tipo de estado que não esteja amarrado às tradições eurocêtricas” (Acosta, 2016, p. 24). São diversas pedagogias afroaquilombadas que, ao longo dos últimos vinte anos, no Estado do Ceará, estendendo-se ao Cariri, vem ressignificando a maneira de compreender a escola e as práticas pedagógicas a partir de um olhar que tem como ponto de partida as africanidades e a afrodescendência. Nós reinventamos, estamos reelaborando pedagogias afroaquilombadas cearenses e caririenses.

1. METODOLOGIA

A abordagem da afrodescendência conduziu as minhas pesquisas de graduação³, mestrado⁴ e doutorado⁵, uma vez que analisaram o território caririense a partir da minha existência negra, pois não é apenas uma história individual. Trata-se da existência coletiva dessas populações, tendo em vista a contribuição do povo negro na formação do território caririense.

Dessa forma, metodologias afroquilombadas, com base na afrodescendência de pesquisa, consideram que a sistematização do pensamento tem, no conhecimento vivido e experimentado pela população negra, as referências conceituais, se contrapondo ao que foi introduzido pela definição de ciência ocidental. Estamos nos referenciando a partir da nossa própria história e ciência, que se desdobram em muitas outras.

Não é uma das tarefas das mais fáceis teorizar a partir de si, por dois motivos. Primeiro, compreender como isso se articula com a história da população negra no Brasil, no continente africano e na diáspora, tematizando a partir dos lugares de memória de base africana no contexto da “porteira de dentro” (Luz, 2010). Em segundo, porque, dentro da lógica das pesquisas construídas a partir das ciências eurocêntricas, a neutralidade entre sujeito-objeto é um princípio constitutivo.

O artigo, aqui apresentado, é uma pesquisa qualitativa, uma vez que esse tipo de pesquisa busca compreender um fenômeno investigado, considerando os pontos de vista dos envolvidos e é, também, um estudo de cunho bibliográfico, pois faz referência a pesquisas realizadas a partir da abordagem da afrodescendência.

A pesquisa qualitativa trabalha com a interpretação das realidades e,

³ Trabalho de Conclusão de curso: Educação Escolar Quilombola em Carcará - Potengi Ceará: um olhar para gestão da escola.

⁴ Educação escolar quilombola no Cariri Cearense: africanização da escola a partir de pedagogias de quilombo.

⁵ Tese doutorado: Educação Escolar Quilombola na Lagoa dos Crioulos no Cariri Cearense: uma perspectiva curricular de afroquilombamento.

Responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (Minayo, 2007, p. 25).

Em educação, a pesquisa qualitativa nesta perspectiva de sentidos e significados alimenta nosso conhecer e, assim, tem a possibilidade de traduzir as mudanças no campo social e educacional, em que a compreensão pode trazer uma aproximação do real, visto que as abordagens qualitativas procuram dar voz a todos os participantes, mesmo os que não detinham de poder ou privilégios, daí o acolhimento, na abordagem qualitativa, aos estudos do tipo etnográfico (Gatti; André, 2013).

A pesquisa bibliográfica pode ser considerada como um procedimento formal reflexivo que constitui o caminho para se conhecer a realidade. Toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas (Lakatos; Marconi, 2013). As nossas fontes partem do campo da afrodescendência, os dados são as realidades da população negra e entendemos que não existem verdades únicas.

Na pesquisa bibliográfica foram utilizados os referenciais que discutem a temática da educação escolar quilombola, principalmente teses e dissertações e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, publicada em 2012.

2. O AFROAQUILOMBAMENTO DA PEDAGOGIA

A pedagogia, de acordo com o pensamento intelectual hegemônico, nasceu na Grécia, que é considerada o lugar da cultura e conhecimento ocidental universalizante. Desse modo, na Antiguidade datada nesse período, o acompanhamento e a vigilância do jovem na escola eram feitos pelo “*paidagogo*”, ou seja, pelo condutor da criança. Assim, era o “escravo” que tinha como tarefa guiar a criança à escola (Ghiraldelli Jr., 2006). Essa é, a primeira coisa que se aprende nos primeiros semestres dos cursos de pedagogia como lugar único de pensar, foi o que aprendi.

Até que eu pudesse despertar para o meu pertencimento étnico-racial dentro do curso de pedagogia foi um longo processo, muitas vezes recolhida no silêncio, limitada, fragmentada, como mulher negra não pertencente à história do conhecimento. Conquistar a consciência das formas de aprendizado e ensino africanamente devolveu-me a organização mental, objetiva e subjetiva na experimentação do meu processo de formação docente.

Os cursos de formação inicial em pedagogia, através de currículos eurocentrados, impõem como pontos de partida pedagogias que negam outras maneiras de entender a educação e a formação das crianças. A primeira coisa que os invasores coloniais fizeram no território brasileiro foi impor pedagogias da catequização, do silêncio e da dominação.

A construção da história da Educação Brasileira tem negado, sistematicamente, a influência da cultura de matriz africana na prática e no discurso sobre ensino e aprendizagem nas instituições de ensino e negligenciado, silenciando a cosmovisão africana e das comunidades tradicionais nas relações de educação que ultrapassam as fronteiras da Escola (Oliveira, 2003).

Desse modo, pedagogias de dominação e silenciamento conduziram a educação das crianças, sobretudo das negras e indígenas. Atravessam o tempo e chegam aos cursos de formação inicial através de currículos e referências que negam as contribuições e aprendizados passados entre gerações nas comunidades tradicionais, por não serem entendidas como grupos ensinantes.

Cabe, dessa maneira, questionar outras formas de ensinar e aprender, ou quem sabe, empretecer, aquilombar a pedagogia, ampliando a multiplicidade do conhecimento, dos modos diversos de compreender o mundo e assim reconstruir humanidades em coletividades e redes de conhecimentos.

As Pedagogias afroaquilombadas se constroem a partir do direito às diferenças, apontam que o aprender-ensinar-criar emerge do cotidiano das populações negras urbanas, quilombolas, do campo, de terreiro e de todas as formas de existir, na criação de vidas mais vivíveis, nas condições materiais e simbólicas impostas pela sociedade desigual, discriminatória e racista.

Portanto, são invenções de trajetórias, narrativas e práticas que se contrapõem aos discursos e práticas dominantes. Elas se insurgem ao problematizar os modos de organização, distribuição e posicionamentos discricionários determinados por conceitos, quando criados pelas instituições de ensino e pesquisa; valores e ética, integrados aos princípios morais de uma sociedade e a conduta dos indivíduos, e imaginário, na definição dos modos de pensar e sentir (Sotero; Pereira; Santos, 2021). Tem sido essa a nossa preocupação com os territórios negros e a sua produção de conhecimentos.

Dentro dessa roda circular que reflete a reconstrução de nós mesmos e de outros jeitos de pensar a escola, de ensinar e aprender, Eduardo Oliveira, em sua tese de doutorado em 2005, propôs uma filosofia da educação baseada na experiência africana e afro-brasileira. Ou seja, emerge a possibilidade da reinvenção da educação nos territórios negros, reconstruindo expectativas positivas, apesar da cristalização de ideias colonizadas ao nosso respeito. Assim como diria o poeta Raul Seixas: “eu não posso entender tanta gente, aceitando a mentira”, as inverdades dominantes sobre a África, quilombos, territórios negros, contexto com o qual nos relacionamos e vivenciamos.

Dessa forma, consultando e saudando os nossos, como princípio ancestral dos que vieram antes de nós, brota, com Eduardo Oliveira, a pedagogia do baobá na tradição griô (2005) e torna-se prática escolar em 2018, na pesquisa de mestrado de Samuel Morais Silva, a partir do referencial teórico da professora Sandra Petit: a Pretagogia.

A Pretagogia também é uma Pedagogia que nasce do entrelaçar de raízes-saberes teóricas metodologias de muitos colaboradores e colaboradoras. Mas foi apenas pela ocasião do I Curso de Especialização em História e Cultura Africana e dos Afrodescendentes, voltado à formação de Professores de Quilombos no Ceará, um curso de especialização realizado pelo NACE, que esses mestres griot reúnem suas experiências, ou suas raízes-saberes. O artigo Pret@gogia: referenciteórico-metodológico para o ensino da história e cultura africana e dos afrodescendentes, reúne essas influências em torno da pretagogia e foi escrito por Sandra Haydè Petit e Geranilde Costa e Silva (2011), principais organizadoras do curso de especialização. Essa abordagem, que foi criada por uma comunidade inteira de aprendentes de griot, no sentido dado pela didática afrocentrada (Meijer, 2019, p. 602).

A pedagogia do baobá, como uma pedagogia negra no âmbito escolar, traz como possibilidade “apreender a necessidade de apostar na descolonização do currículo escolar, em processos formativos descolonizantes e na africanização das instituições educacionais” (Silva, 2018, p. 219). E compreendendo que os nossos passos vêm de bem antes, com a professora Cicera Nunes, pudemos compreender a pedagogia do reisado como proposta da implementação da Lei 10.639/2003 (2007) e com o professor Reginaldo Domingos, a pedagogia da transmissão de religiosidade de base africana (2011). Dessa forma nós temos, no Cariri, pedagogias negras afroaquilombadas que reelaboraram a nossa história, enegreceram as práticas pedagógicas.

Ainda sobre pedagogias afroaquilombadas, vale ressaltar que, no âmbito da abordagem metodológica da afrodescendência, a professora Piedade Videira, com a pedagogia quilombola dos batuques, folias e ladainhas, na ação cultura do Quilombo do Cria-Ú (2010), propôs, através desses elementos, a ressignificação da práxis educativa e curricular, valorização da história e cultura africana e afro-brasileira, segundo a determinação da Lei nº 10.639/03 no quilombo de Cria-Ú em Macapá, Amapá.

A mais recente nessa perspectiva das pedagogias quilombolas, em 2021, a tese de doutorado de Marlene Pereira Santos, trouxe as possibilidades e necessidades educacionais dadas pela realidade de vida da população de cada localidade e um dos caminhos para o conhecimento da identidade da comunidade enquanto reconhecimento do patrimônio cultural, nas três comunidades quilombolas do Ceará: Quilombo da Base, Nazaré e Serra do Evaristo.

Dessa maneira, as pedagogias afroaquilombadas que propuseram um afroaquilombamento do território escolar, com propostas de proteção do patrimônio negro na reconstrução de nossas humanidades para a importância da aprendizagem e partilha do conhecimento das populações negras como formas na ampliação de estratégias e ações como marcas fundamentais do reconhecimento das lutas e conquistas do povo negro em diferentes organizações.

O afroaquilombamento é um chamado de reconexão com nossas africanidades, é reestabelecer nosso sentimento de pertencimento com a identidade negra, agindo coletivamente, se irmanando. O processo de afroaquilombamento nutre-se de africanidades em

espaços coletivos de afeto, de acolhimento da escuta, não somente a escuta do ouvir, mas de sensibilização com o outro.

Neste sentido, o afroaquilombamento foi e ainda é a organização da luta coletiva contra opressões à população negra. Ao mesmo tempo, nos permite agir de modo concreto em um movimento de mudança da nossa realidade. Afroaquilombar-se é potencializar nossas existências na ideia de continuidade.

Sobre o afroaquilombamento da escola cabe ressaltar um espaço de resistência cultural e não apenas o lugar do saber sistematizado. Assim, como aprendemos com as correntes marxistas nas discussões na área da didática na pedagogia, tendo em vista que este conhecimento “sistematizado” na referência do eurocentrismo.

A escola é um espaço dos vários sujeitos, deveria ser, também, dos grupos étnicos ensinantes. No entanto foram excluídos e seus conhecimentos marginalizados, pois esses grupos étnicos têm outras perspectivas de mundo que, por vezes, não acompanham a lógica capitalista eurocêntrica hegemônica e individualista. A escola é tensionada a partir experiências sociais, desse modo reproduz opressões, racismos e exclusões.

Nesse sentido, consideramos que os processos construtivos do conhecimento dos grupos étnicos excluídos não podem ser uma tentativa de captura das suas significações convertidas em conceitos inferiores, mas em processos de como a educação tem abertura de portas entre diferentes formas de conhecimento, inclusive nos diferentes espaços, nas lutas e nos desejos de criação de mundo em contexto revolucionário.

Refletir e criticar a lógica das pedagogias hegemônicas nos reconecta com a África, uma das fontes do conhecimento humano, uma vez que,

a África torna-se, portanto, a fonte de onde emergem tais conceitos. Para se compreender tal dinâmica é preciso, antes, enveredar pelas formas culturais negro-africanas a fim de detectar qual o contexto cultural que favoreceu o aparecimento de sua cosmovisão e, então, pesquisar como ela chegou aos afrodescendentes brasileiros (Oliveira, 2003, p. 12).

Dessa forma, é preciso buscar os nossos, afro-aquilombar a escola em um movimento sankofa. Neste sentido, a pedagogia de quilombo se reelabora a partir desse entendimento e se pretende ser libertária na valorização das raízes visibilizadas por outras pedagogias afroaquilombadas na reelaboração da história negra no cariri cearense, nutrindo-se das pedagogias do baobá, do reisado, de terreiro, do corpo e de vínculo ancestral para a organização de uma proposta de revisão da escola quilombola através dos mais velhos e novas perspectivas territorializadas de africanidades.

Qual educação escolar quilombola temos? E qual educação escolar quilombola queremos construir? É oportuno refletir sobre como as escolas localizadas em quilombo foram organizadas em suas práticas pedagógicas. Partindo da experiência que temos sobre a implementação da Lei 10.639/2003 há ainda muitos desafios a serem vencidos, pois ainda é comum entre os professores posturas insensíveis com a educação para as relações étnico-raciais, de maneira cansativa e discursiva sem o manejo com as práticas pedagógicas com base nas africanidades.

O meu combustível é a resistência ancestral, o comprometimento com os meus mais velhos e com a minha própria história e, pensando como Vanda Machado (2019), esse trabalho não se dissocia dos meus referenciais identitários. Se constrói no lugar de fala de professora negra e pedagoga que compreende, a partir das Diretrizes da Educação Escolar Quilombola, a construção de pedagogias afroaquilombadas.

Quando comecei esse trabalho na especialização em gestão escolar⁶ na comunidade quilombola de Carcará, timidamente dialoguei com a gestão e os professores da comunidade. Percebi que a escola existia, assim como as outras, com salas, cadeiras, filas, crianças passando e correndo no recreio, sendo controladas pela sirene, mas também pelos livros, conhecimentos e epistemologias hegemônicas.

Havia um confronto entre esse percurso escolar hegemônico e meus aprendizados vivenciais, reconhecendo tais interferências rotineiras na escola como algo familiar, pois, foi

⁶ Trabalho de conclusão do curso de Especialização em gestão escolar promovido pela Universidade Regional do Cariri – URCA com o título: Educação escolar quilombola em Carcará- Potengi Ceará: um olhar para a gestão da escola no ano de 2015.

nesse tipo de escola onde estudei. A inquietude estava entre meus conhecimentos e o que era esperado em uma escola quilombola, na esperança de aprendizados diferenciados pela resistência ancestral, incentivo à reflexão, o vínculo com meus ancestrais aquilombados. Quanto também para aquelas crianças e jovens, pois eu estava me reconectando com o meu pertencimento étnico, meu afroaquilombamento, que tinha imaginado uma outra escola.

Vivemos em uma época em que além de sermos fabricados e produzidos por máquinas como a escola, somos também controlados por mecanismos fora dela. A escola não é o lugar em que o controle atua exclusivamente. Não é apenas na sala de aula, no pátio, nas carteiras e cadeiras dispostas em círculos, fileiras ou agrupadas de outros modos, que vemos vários tipos de controle atuando. Aliás, é comum ouvir dizer que a própria escola está em crise. O espaço escolar está cada vez mais descentrado (Nascimento, 2017, p. 77).

Até isso foi preciso entender, porque a girada do berimbau não acontece só com corpo do mestre na ginga de capoeira, muitas vezes entramos no processo de libertação e ousamos imaginar que o nosso entorno também está, quando na verdade, é o nosso movimento que move a estrutura do que está posto. A escola era como outros espaços existentes em nossa sociedade reproduzindo as tensões sociais, históricas e racismos em questões curriculares, materiais pedagógicos, formação e todas as contradições existentes dentro e fora da sala de aula.

3. POR UMA PEDAGOGIA AFROAQUILOMBADA TERRITORIALIZADA NOS REPERTÓRIOS DA COMUNIDADE

A pedagogia afroaquilombada foi uma proposta de revisão do projeto de escola localizada em quilombo, em que o currículo, as ações pedagógicas, ensino e aprendizagem estão centrados e cultivados na cultura do lugar e tem como possibilidade transgredir o currículo oficial, alterando a relação que a escola possui com a comunidade e com a sua tradição.

As concepções de escola quilombola se fazem necessárias na prática cotidiana da comunidade, para que seja possível “considerar a autenticidade da contribuição dos seus saberes como âncoras para novas ideias e outras aprendizagens” (Machado, 2019, p. 22). Assim, a

comunidade protagoniza o seu entender sobre a escola que deseja construir como um povo que também ensina.

E concordando com Vanda Machado (2019), o conhecimento é um caminho que se faz a cada passo dado, mesmo que esse passo seja dado em qualquer lugar. Desde que se considere a educação como processo que se vincula à dinâmica e à prática social da vida, na educação como uma organização atuante e com implicações no pertencimento dos sujeitos.

Nesse ponto, a pedagogia de quilombo são os repertórios culturais que a comunidade produziu e produz na dinâmica social ligada à vida e aos conhecimentos transportados de uma África ancestral. Esses repertórios continuam presentes no cotidiano coletivo da comunidade através do tempo, seja nas relações sociais, valores e crenças que fundamentam a identidade negra em nosso território.

Entendemos que a pedagogia afroquilombada fortalece a nossa identidade negra, em que,

A cognição não é a representação do mundo, mas criadora e gestora do mundo material e imaterial através das vivências. A vida e a aprendizagem não estão separadas em nenhum aspecto, o que obriga a desenhar uma possibilidade de currículo que não se repita como almanaque ou explicações abstratas. Aprender em qualquer circunstância ou comunidade, envolve vivências culturais, o pensar contraditório, outras formações de percepções (Machado, 2019, 24).

Neste sentido, Amílcar Cabral foi um “Pedagogo da Revolução”, e foi uma das maiores inspirações para Paulo Freire durante o seu percurso no exílio em África. Dessa forma o pensamento freiriano, no que diz respeito ao poder da cultura nos processos educativos, assim como a potencialidade da revolução das massas e a prática social, cultural, epistêmica e política, num sentido libertador, tem sua base teórica no pensamento de Amílcar Cabral, pois, ele pensou e lutou nos movimentos de libertação Africana, sobretudo a luta guineense e caboverdiana.

Ele acreditava que a luta só era possível a partir de um movimento de resistência através de um trabalho político, porque,

em certas condições, pode tomar a forma de luta armada, que é o nosso caso concreto. E então definem -se a pouco e pouco, no quadro de resistência geral, vários tipos de resistência. É fundamental que cada militante ou responsável, tenha consciência clara desses tipos de resistência. Mas, mais importante ainda, é saber por que é que resistimos, para que é que fazemos a resistência. Devemos conhecer bem os objetivos da resistência (Cabral, 1975, p.9).

Para esse líder não bastava a liberdade de uma nação para a conquista plena de si, mas de todo a sua existência enquanto ser conectado com valores desdominadores. Ele foi um revolucionário que questionava a lógica colonial, ao mesmo tempo em que propunha a valorização da cultura dos povos colonizados. Estudou em Lisboa e durante esse período criou a Casa dos Estudantes do Império e o Centro de estudos Africanos, não limitando-se, criou o Partido Africano da Independência da Guiné e de Cabo Verde (PAIGC), sendo proclamada a República da Guiné em 2 de outubro de 1958.

A sua consciência e sentimento de pertencimento como africano, assim como a percepção de que os africanos deveriam se opor à servidão, fez de Amílcar Cabral um grande líder na libertação tanto no campo das ideias, quanto na sua aplicação prática, na libertação de toda África e não apenas do seu próprio país. Ele destacava o papel da cultura na luta pela libertação nacional de um povo fortalecido pela sua identidade cultural no enfrentamento à opressão colonial (Correia, 2007). Dessa maneira,

não apenas no sentido da luta armada contra o colonizador para a afirmação de uma nacionalidade autônoma e soberana, mas também pela ideia de que nenhum povo, mesmo no período pós-colonial, consegue se livrar de seu colonizador, enquanto não se liberta também de seus referenciais teóricos, de suas premissas, de seus fundamentos e de seus paradigmas (Romão; Gadotti, 2012, p. 15).

O discurso que as ciências sociais e a educação fizeram sobre colonialismo já era feito por Amílcar Cabral na década de 1950. No descortinar de autores que tensionou a luta anticolonialista e, conseqüentemente, uma educação inspirada na libertação dos oprimidos, Frantz Fanon não poderia deixar de ser citado. Uma vez que, na década de 1960, causou importante reflexão quando denunciou a exploração e a opressão do homem discriminado.

Fanon foi um dos maiores revolucionários que os estudos sobre negritude já teve. Nascido na Martinica, uma colônia francesa, ele ofereceu uma crítica contundente à negação do racismo contra o negro na França e, ao mesmo tempo, analisou, entre tantos assuntos, a maneira como os negros buscam a ilusão refletida do ser branco. Um gênio em várias áreas do conhecimento: na psiquiatria, na filosofia e com fortes influências na literatura e nos estudos culturais, sempre se posicionando sobre as relações colonialista.

O mundo colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis de delegacias de polícia. Nas colônias o interlocutor legal é institucional do colonizado, o porta-voz do colono é do regime de opressão é o gendarme ou o soldado. Este mundo dividido em compartimento, este mundo cindido em dois, é habitado por espécies diferentes. A originalidade do contexto colonial reside em que as realidades econômicas, as desigualdades, a enorme diferença dos modos de vida não lograr nunca mascarar as realidades econômicas, as desigualdades humanas. Quando se observa em sua imediatidade o contexto colonial, verifica-se que o que retalha o mundo é antes de mais nada o fato de pertencer ou não a tal raça (Fanon, 2015, p. 29).

Paulo Freire, consagrado como o patrono da educação brasileira, teve como inspiração os intelectuais da revolução, Amílcar Cabral e Frantz Fanon. Os dois autores ofereceram pontos importantes para a reflexão da relação entre o oprimido e o opressor, tão bem especificada na obra de Freire. Ou seja, embora haja dificuldade dos estudiosos freirianos em contextualizar a compreensão sobre o pensamento colonialista e anticolonial a partir destes autores, o próprio Paulo Freire, no fim da década de 1960, concedeu uma entrevista⁷ ressaltando a importância deles para sua teoria e prática, além de registrar no livro *Pedagogia da Esperança*.

⁷ Informação encontrada na página do 47º Encontro Anual da ANPOCS – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Disponível em: https://www.encontro2023.anpocs.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=9868#:~:text=47%C2%BA%20Encontro%20Anual%20da%20ANPOCS,a%20teoria%20de%20Paulo%20Freire&text=Tanto%20em%20entrevista%20no%20fim,contribui%C3%A7%C3%A3o%20de%20Fanon%20para%20Freire.%20Acesso%20em:%202003/11/2024.

Outra obra que traz a possibilidade de reaver a similaridade entre Fanon e Freire é o livro *Pedagogia do Oprimido*, influência não apenas Paulo Freire, mas para outros intelectuais negros, como Guerreiro Ramos e Abdias Nascimento.

No caminho de fortalecimento de uma identidade negra pela escola, propomos as pedagogias críticas, para pensar um processo humanizador para a libertação dos indivíduos. Essa prática os auxilia na luta pelos seus direitos enquanto sujeitos na construção de uma sociedade mais democrática e justa, de acordo com Freire:

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. (Freire, 2017, p.43).

O avanço global do eurocentrismo norteado pela violência epistêmica reforça o individualismo econômico, social e político em um viés de “progresso modernizante”. Que, no entanto, se apresentou como produtor de exclusão, perdas de referências culturais e do espaço-tempo ancestral.

Neste sentido, cabe a reflexão: Como construir pedagogias revolucionárias? Ou quem sabe assumir posturas pedagógicas revolucionárias? Talvez, uma resposta a essas reflexões, como uma prática inicial, seja lançar o olhar para nós mesmos, nosso território, nossa relação com ele, nossas africanidades e como isso é força motriz, para nos colocar como seres humanos conectados ao todo de forma física e espiritual, integrados no processo experiencial do mundo.

A educação como prática social é um processo humanizador, partindo desse princípio Luz (2010) coloca que, na cultura europeia, a transmissão do saber se dá principalmente a partir da mediação do texto, ou seja, através da comunicação escrita. De modo diferente, nas culturas negras e ameríndias o saber é repassado de forma direta, pessoal, intergrupala, sobretudo da geração dos mais velhos para os mais novos.

Embora a educação tenha essa função de nos humanizar, eu passei na escola por um processo de desumanização, de negação de mim mesma. Romper com pedagogias dominadoras

de corpos e mentes é o que Luiz Rufino (2021) chama de um processo de cura, pois a colonização atacou o nosso corpo, a nossa mente, nossos símbolos em suas várias formas de violência e hoje precisamos desaprender para nos reposicionar na história.

Tem sido esse meu percurso coletivo a partir de africanidades caririenses, a libertação não acontece da noite para o dia, não se dá, como fizeram as elites coloniais, no grito forjado de independência e “fim da escravidão”. A libertação seria um processo de construção de fala, de luta, de rebeldia, de consciência negra, mas também um processo reivindicatório de outras experiências de conhecimento, de escola, de educação de um outro mundo, até então invisível, escondido a nós mesmos.

A reivindicação de uma pedagogia outra, um outro jeito, uma escola anticolonial, uma educação territorializada está na pauta do movimento negro e quilombola há bastante tempo, mesmo com a conquista da Lei 10.639/03, marco importante na nossa história, muitas vezes esquecida nos currículos escolares. Sobre isso Ferreira (2021) aponta que, depois de apagadas nossas referências no currículo, nos restou o silenciamento definido como a anulação de si. Para tanto, as pedagogas negras, sobretudo as afroquilombadas, vêm como possibilidade de rompimento, pensamento, reação, resistência, reelaboração da escola nos territórios quilombolas.

Nessa perspectiva, as pedagogias hegemonicamente brancas não podem servir como régua para elaborar o cotidiano das escolas localizadas nos quilombos. Dessa forma, para a efetivação da pedagogia afroquilombada, é importante um trabalho de fortalecimento da identidade dos professores atuantes nesses espaços, pela negação da história negra levando ao silenciamento da nossa existência na sociedade. Esse trabalho pode ser feito a partir de um movimento formativo que envolve a comunidade escolar, pesquisadores que entendem da temática racial, movimento negro e, principalmente, a comunidade local.

Os próprios professores e o núcleo gestor podem, a partir disso, criar suas próprias metodologias, priorizando a pedagogia afroquilombada, por isso a importância da formação continuada. Uma educação alheia à realidade da comunidade faz com que nos reposicionemos para compreender que os quilombolas são sujeitos de sua própria história e a valorização disso

no cotidiano escolar permite que a escola se transforme em uma potência existencial dentro da comunidade.

Neste sentido, a escola torna-se um lugar onde se quer estar, porque ela pode ter uma convivência agradável em que os que a frequentam possam se sentir representados pela cultura que os forma, e não estrangeiros dentro de sua própria localidade. Dessa forma,

A educação também se expressa como ato amoroso, uma inscrição afetuosa e solidária que sente e vibra no tom da partilha, reconhece o dom da vida como evento cíclico e ecológico e, por isso se envolve ao invés de se desenvolver. Mesclando amor e fúria, se traçam no tempo atos responsáveis daqueles que foram e vão ao campo de batalha roçar esperanças da descolonização como horizonte de busca permanente pela liberdade (Rufino, 2021, p. 35).

A pedagogia afroquilombadas, como parte do cotidiano da escola, transforma não só o ambiente pedagógico, também os estudantes que terão o reconhecimento e a valorização das práticas ancestrais, enquanto parte do seu enredo formativo. Assim, o entusiasmo de pertencer àquele grupo lhes é muitas vezes devolvido, algo negado pela estrutura do racismo e pelo processo de colonização.

Neste sentido, a pedagogia afroquilombada promove um movimento de troca recíproca entre a escola, comunidade e currículo, pois, ao mesmo tempo transforma o convívio escolar, ampliando a compreensão sobre si próprio. Estabelecendo uma relação com a diáspora negra, a comunidade acaba sendo fortalecida em sua formação.

Existe uma escola ideal nos nossos desejos e sonhos? Que se encaminhe na perspectiva de uma educação mais justa? Luiz Rufino busca compreender a escola dos sonhos e nos leva a refletir sobre a escola da infância movida pelas nossas curiosidades, brincadeiras e descobrimento das coisas. Compreende a escola como uma árvore de palmeira em que vai deixando em nós sementes e vamos aprendendo com a capacidade de perguntar. Dessa forma, vamos traçando as possibilidades de um mundo que encontra soluções no improvável, isto é, na força do próprio saber comunitário. Como nos interroga: “se a educação é um radical da vida, porque não enxergamos as muitas escolas que estão por aí?” (Rufino, 2021, p. 59).

Neste sentido, acreditar em uma pedagogia que transforma a maneira que o professor olha para a escola, para a comunidade e para os estudantes é crer que o entusiasmo de fazer diferente nasce do entendimento de que o Projeto Político-Pedagógico da escola é também transgressor, uma vez que rompe com as epistemologias hegemônicas condutoras de uma escola fracassada, presa a memorizações coloniais e aprendizagens desvinculadas de sua realidade étnica.

Desse modo, é importante que a escola assuma, junto à comunidade educativa, o protagonismo da sua realidade, de suas perspectivas, tendo em vista serem sujeitos que têm o direito de definir e estabelecer suas próprias identidades e realidades. Porque quem fala de si, da sua própria porteira “legítima e reinventa a si mesmo nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada” (Kilomba, 2019, p. 28).

Qualquer pedagogia que se diz radical, libertadora, diferenciada, de quilombo ou outro nome que queiramos dar, precisa insistir no recebimento da presença de todos. E não basta simplesmente afirmar essa insistência, é preciso demonstrá-la na prática pedagógica. Para começar, é preciso que o professor valorize de fato a presença de cada um, reconhecendo e lembrando constantemente da influência de toda a comunidade na dinâmica da sala de aula, todos contribuem e essas contribuições serão recursos usados de modo construtivo, promovendo a capacidade de se criar uma comunidade aberta de aprendizado (hooks, 2017).

Essa pedagogia, a qual nomeamos de pedagogia afroaquilombadas, reflete uma prática educativa em que encontramos uma comunidade que educa e ensina. A escola é reconhecida como um dos espaços educativos considerando os contextos específicos e mudança nos paradigmas de conhecimento, quanto também da concepção da sociedade em uma perspectiva quilombola.

A pedagogia afroaquilombada questiona a construção do conhecimento e quem o materializa como algo único e verdadeiro. A grande questão é compreender por que as crianças não dominam tão bem os conhecimentos produzidos pelo eurocentrismo e não conhecem a história do continente africano e sua influência como base da construção do pensamento científico do mundo. As crianças aprendem basicamente sobre o processo “brando” de

escravização. Por que só sabem sobre isso? De quem é essa narrativa? Quais conhecimentos têm feito parte do currículo da escola, dos processos avaliativos? Da universidade? Dos materiais didáticos? E qual conhecimento não faz parte? E de quem é esse conhecimento? Quem está fora? Quem está dentro das grandes produções de conhecimento?

Como educadoras e educadores, estamos envolvidos em uma luta por significados, nessa sociedade em que estamos expostos a várias violências, sobretudo ao racismo. Apenas certos significados e conhecimentos são considerados legítimos, poucas formas de conhecer o mundo acabam por se tornar o conhecimento oficial a ser tratado na escola.

Nossa sociedade está estruturada de tal modo que os significados dominantes têm mais possibilidade de circular. Esses significados, obviamente, serão contestados, serão resistidos e algumas vezes serão transformados, mas isto não diminui o fato de que as culturas hegemônicas têm maior poder para se fazerem conhecidas e aceitas (Apple, 2002, p. 34)

Neste sentido, a pedagogia afroquilombada valoriza o conhecimento produzido pela humanidade, assim como os conteúdos tradicionalmente reproduzidos. No entanto, é preciso questionar e comunicar quem os produziu, pois, de forma dinâmica e sem qualquer incômodo, o pensamento colonial, com as narrativas do poder construído pelo sistema da branquitude predominando nas escolas dos quilombos, com efeito, nega a existência daquelas pessoas.

Kilomba (2019) ressalta que essa construção histórica e teórica construiu a população negra como “os outros”, como inferiores, colocando africanos e seus descendentes como subordinados aos brancos e, nesse espaço de construção do conhecimento, descritos, classificados, desumanizados, primitivizados, burocratizados e mortos. E não é que não se tenha uma narrativa própria, o fato é que não foram ouvidos, graças ao sistema educacional ainda profundamente marcado pelo preconceito racial, assim como as instituições eurocêtricas com desígnios de desqualificação e invalidação dos conhecimentos construídos pela população negra.

A pedagogia afroquilombada tem como proposta práticas pedagógicas inovadoras, inspiradas na comunidade educativa, ao passo que se propôs ver a si mesma como fonte de

conhecimento, ampliando a compreensão do que significou o Encontro de dois mundos, de dois continentes e como isso influencia e faz sentido na História da população quilombola no Brasil.

A pedagogia afroquilombada desmistifica a ideia pejorativa sobre quilombo, no encontro entre saberes e conhecimentos afro-brasileiros e africanos. Não enxerga mais os conhecimentos eurocêntricos como a única fonte de sabedoria. Na verdade, é uma metodologia, uma pedagogia que vê nas crianças e jovens quilombolas os protagonistas da prática pedagógica da escola enquanto espaço étnico de inspiração e acolhimento à identidade afroquilombada.

Neste sentido, nos colocamos no reposicionamento da escola no aspecto comportamental, conceitual e atitudinal a partir de africanidades, no reconhecimento do quilombo como espaço político e cultural para as crianças, jovens e dos mais velhos, portanto, com uma representação desse saber aquilombado no currículo da escola.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aquilombar a si mesmo é exercitar e experimentar as africanidades das suas próprias visões e comportamentos que se estendem a toda a sua existência como pessoa, filha, professora, mãe, amiga, companheira, estudante, circunscrevendo em trajetórias e ciclos que se iniciam e que se fecham. Quanto também, estão sempre abertos, uma vez que a circularidade está sempre em um movimento permanente, foi o que experimentei e experimento através da abordagem metodológica da afrodescendência.

Escolher tratar de uma pedagogia afroquilombadas, que reelabora a organização da escola quilombola, é uma tentativa de inserir no universo pedagógico o conhecimento tradicional africano com base na visão cosmoquilombola, uma discussão ainda distante no sistema de ensino em que, na própria história da educação brasileira, valoriza imensamente pilares educacionais hegemônicos.

Africanizar e enegrecer as pedagogias, é, antes de tudo, um ato político. A reelaboração da escola a partir do currículo, da memória, da ancestralidade, do afeto, da sensibilidade, da

circularidade é reivindicar políticas públicas que considerem os referenciais africanos e as visões comoquilombolas como uma possibilidade de diálogo na formação da nossa identidade.

A reivindicação de uma pedagogia afroquilombada articulada ao currículo e ao cotidiano da escola e aos valores comunitários nada mais é do que ter os direitos garantidos, enquanto população que também construiu a nação brasileira.

Caminhos abertos para nós e para as pedagogias afroquilombadas, axé!

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

APPLE, Michael Whitman. Construindo o outro: branquidade, educação e batatas fritas baratas. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.) **Escola básica na virada do século**: cultura, política e currículo. 3ed. São Paulo: Cortez, 2002.

CABRAL, Amílcar. **Análise de alguns tipos de resistência**. Lisboa: Seara Nova. 1975.

CORREIA, Pedro de Pezarat. Amílcar Cabral, o combatente da libertação colonial e o cidadão africano. **CEAUP-Working Papers**, Centro de Estudos Africanos, Universidade do Porto, v. 8, 2007. Disponível em: <https://www.africanos.eu/index.php/pt/publicacoes/working-papers/86-pdfs-e-outros/478-amilcar-cabral-o-combatente-da-libertacao-colonial-e-o-cidadao-africano>. Acesso em: 21 set. 2022.

DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. **Pedagogias da transmissão da religiosidade africana na casa de candomblé Iabasé de Xangô e Oxum em Juazeiro do Norte-CE**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução: Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2015. Coleção Cultura, v.2.

FERREIRA, Hilário. A identidade negra e africana do cearense. **Revista Historiar**, [S. l.], v. 13, n. 24, p. 224–238, 2021. Disponível em: <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/400>. Acesso em: 02 nov. 2024.

FERREIRA, Tássio. **Pedagogia da circularidade**: ensinagens de terreiro. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 64. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GATTI, Bernadete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WIVIAN, Weller; PFAFF, Nicole. (Org.) **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação, teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **O que é pedagogia**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: _____. **Educação antiracista**: Caminhos Abertos pela lei 10.639. – Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memória da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: atlas, 2013.

LUZ, Marco Aurélio. **Cultura negra e ideologia do recalque**. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: PALLAS, 2010.

MACHADO, Vanda. **Irê Ayô**: uma epistemologia afro-brasileira. Salvador: EDUFBA, 2019.

MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. A formação docente afrocentrada da unilab: o saber docente ancestral no ensino de didática nos países da integração. **Revista Debates em Educação**, Maceió, v. 11, n. 23, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/6217>. Acesso em: 07 set. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Romeu. (Org.) **Pesquisa social teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e Identidade Negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, v. 4, n. 8, p. 06-14. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246> Acesso em: 02 nov. 2024.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Pensando a escola: entre a formação e a liberdade. **Revista Sul-americana de Filosofia e Educação – RESAFE**, n. 6/7: maio/2006 – abril/2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4144>. Acesso em: 14 set. 2022.

NUNES, Cícera. **O Reisado em Juazeiro do Norte-CE e os conteúdos da história e cultura Africana e afrodescendente**: uma proposta para implementação da Lei nº. 10.639/03. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Africanidades na educação. **Revista Educação em debate**, Fortaleza, ano 25. v. 2, n. 46, 2003. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15179/3/2003_art_edoliveira.pdf. Acesso em: 07 set. 2022.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2005.

ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e Amílcar Cabral**: a descolonização das mentes. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

RUFINO, Luiz. **Vence demanda**: educação e descolonização. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTOS, Ana Paula dos. **Educação Escolar Quilombola em Carcará- Potengi Ceará**: um olhar para a gestão da escola. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Escolar) – Universidade Regional do Cariri - URCA, Crato, 2015.

SANTOS, Marlene Pereira dos. **Tecendo africanidades como parâmetros para educação quilombola e do campo**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/59771>. Acesso: 07 fev. 2022.

SILVA, Samuel Morais. **Baobando em uma formação de raiz africana com professoras(es) e núcleo gestor da educação básica na cidade do Crato-CE.** 2018. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

SOTERO, Edilza Correia; PEREIRA, Ilaina Damasceno; SANTOS, Sônia Beatriz dos, Pedagogias negras: o antirracismo, o bem viver e a corporeidade. **Revista inter-ação**, Goiânia, v. 46, n. 3, p. 1314-1329, set./dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v46i3.70669>. Acesso em: 07 set. 2022.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques e ladainha: a cultura do quilombo do Cria-Ú em Macapá e sua educação.** 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

Submetido: 15/08/2024

Aprovado: 16/11/2024